



O QUE SE FAZ AO AMOR?

O que nos acontece? Por que o tempo não só consome nossos frágeis corpos, mas minam nosso êxtase, nossos sonhos, nossa alegria e motivos de viver? Que mundo psíquico é este que banaliza as emoções que outrora era encantada, que desfigura o que era colorido, que ensurdece o silêncio de outrora tão melodioso. Que poder é esse que se imiscui em algum lugar dentro de nós que tem o mórbido prazer de atenuar o furor das paixões, de sufocar a euforia do reencontro, de minimizar pequenos-grandes gestos de amor? Quem é este que dentro de nós conspira a favor da infelicidade, nutre a tristeza, se compraz com a solidão? Talvez seja da mesma natureza do mal que solapa a psique humana e se revela de modo avassalador nas guerras, nas intrigas, no submundo, nas psicopatias, nos crimes contra seres e almas.

O amor começa com um sentimento de que o dia está diferente, o céu mais azul, o sol mais brilhante. Encontrar-se com o amado, o desejado é o suficiente para garantir o dia de suspiros e expectativas que se eternizam em recordações que invadem a alma no correr do dia, mesmo que este amado, por vezes, nem saiba que está sendo preterido. É o suficiente para fazer-nos viajar, sorrir, cantar, ansiar pelo novo encontro, por mais um momento, mesmo que fugaz, que se dará no outro dia, ou na outra semana, ou no outro mês, na próxima sonhada vez, e, ainda assim tudo é belo, romântico, lisonjeiro, terno, arrebatador, contagiante, prazeroso, ... interminável! Neste estado todo o mínimo tempo com o outro tem o *status* de eternidade, abdica-se de muitas coisas em prol do outro, sacrifício ganha *status* de zelo e cuidado.

As palavras são revestidas de carinho e respeito, os gestos são meigos e acolhedores. O beijo é longo e o sexo intenso. A distância é só um conceito, o outro é rebatizado, afinal o amor promove o renascimento, e o nome próprio é substituído por “querido, amor, gato, lindo...” Não há espaço para o sentimento de orgulho, pois impera a igualdade, nem de poder porque a relação é libertária. Um telefonema, um delicioso “oi”, uma mensagem, falar sobre algo pessoal, imaginar propostas de um encontro virtual para um almoço, um lanche após o trabalho, um filme que ainda nem entrou em cartaz, tudo ganha ar de realidade, é encantado, é um mágico-real. Não se separa o espaço do tempo, o real do irreal, tudo é único, totalizante, integrador. E daí vem a vontade de aumentar o tempo juntos para desfrutar mais desta panacéia, deste milagre da vida que arranca de nós forças quando já nos dávamos por vencidos.

Mas com isso despertamos também a semente da perversidade que faz morada em nossa alma e que se espalha pelo jardim dos sonhos fazendo frutificar ciúmes, insatisfação, cobrança, incompreensão, possessividade, queixas, lamentações, enfim... uma coleção de flores de pétalas negras e acinzentadas, de raízes torcidas que destorce o diálogo outrora tão harmonioso e de profunda singeleza que ecoava como laudas de um cântico de amor. O “oi, que saudade!, que bom que ligou!, é bom ouvir sua voz!, estava pensando em você!” é trocado por extensas explicações, justificativas, tentativas de remediar o desacerto, tudo que é dito é interpretado de outro modo, ganha



um outro significado, uma segunda intenção, quando não fere ou humilha, não basta mais a conversa, o império da discórdia se impõe sorradeira e derradeiramente.

Onde havia jardim em cor surgem lágrimas, espinhos, distância, rancores, silêncio sepulcral. Mas as tentativas de remediar, de socorrer, de curar o amor, a relação de retornar-se ao apaixonadamente simples e encantador não deixou de existir, Ele tem que morar em algum lugar dentro de nós, mas porquê o mal se mostra mais forte?, por que a sombra aparenta mais luminosidade?, e o doce mais amargor? Ainda assim alimentamos a crença de que se a dualidade é um “a priori”, há justificativa para buscar-se a ponta oposta do fio de Ariádine. Temos a fraqueza de negligenciar o mal que parece habitar no recôndito dos nossos sentimentos e, por isso, não o percebemos na intimidade das relações que construímos, pois estamos sempre desejosos de viver aquele momento ímpar e de simplicidade que nutre a alma com tão pouco, com o mais suave dos néctares: o sentimento de amar e sentir-se amado!

Parece que o ser humano nasceu para solidão, por que esse lado obscuro da alma tão carente de compreensão, da fragilidade e fugacidade da vida faz questão de atear carvão aos fornos da discórdia e do desamor, faz questão de esterçar as ervas-daninha e se interpõe aos relacionamentos aumentando o tempo investido em discussões, explicações, isolamento, desconfiança legando à simplicidade do companheirismo, respeito, bem estar, alegria de estar juntos, possibilidades... míseros momentos de recordação talvez capturados por uma fotografia que habita hoje o fundo da gaveta de algum criado-mudo.

Tudo isso alimenta o orgulho e com ele o poder que transforma igualdade em inferioridade, liberdade em desconfiança, o discurso dos sentimentos é transformado em discurso da frívola racionalidade. O beijo de longo e molhado, dá lugar a um gesto seco e apressado. O sexo de intenso passa a esporádico e obrigatório. O outro passa a ser chamado pelo nome próprio ou pejorativo: alguém, o fulano, ele, o futuro-ex, falecido...

Que é isso que invade nossa alma, submete nossa vontade e nos sangra vivos? Damos, de algum modo, permissão a esta violência? Ou somos vítimas e violentados? Criamos cobras, lagartos, fantasmas? Ou nunca nos demos conta de que não passamos disto? O amor é uma existência? Ou apenas uma das sombras na caverna de Platão? E nós, que faces temos? Se ambas, por que não conseguimos nos manter do lado mais simples, mais significativo, mais sagradamente humano? Será que a “besta” em nós ainda não encontrou seu ninho? Que poder destrutivo temos nós que tanto almejamos amar e ser amado e nos deixamos seduzir pelas profundas trevas da solidão que nos habita, nos faz cativo sem jamais nos saciar? Talvez o que nos faz só e incompreendido seja o fato de sermos o ninho que abriga a solidão e a incompreensão de nós mesmos... E assim, vamos nos tornando o que somos? Ou, ainda, não sabemos o que somos? Como saber sobre o destino que estamos dando aos nossos sentimentos? Somos nós capaz de viver sem este impulso, apartados deste instinto, sem o calor e o brilho deste arquétipo, o amparo e as expectativas deste não sei o quê a que chamamos AMOR? Se a resposta for “não”, é o momento de mudar de atitude ...

Dr. Maurício Aranha - Médico pela Universidade Federal de Juiz de Fora; Especialista em Neurociência e Saúde Mental pelo Instituto de Neurociências y Salud Mental da Universidade da Catalunya; Pesquisador do Núcleo de Psicologia e Comportamento do Instituto de Ciências Cognitivas. E-mail: dr_mauricioaranha@yahoo.com.br